

Autonomia e educação: reflexões e tensões nos caminhos para a formação humana

3

*Autonomy and education: reflections and tensions
in ways for human training*

Rafael Bianchi Silva*

Resumo: O objetivo deste trabalho é debater a questão da autonomia e sua relação com a formação humana a partir de dois momentos: primeiro, com o conceito de homem proposto pelas filosofias grega e iluminista e, segundo, os valores difundidos na sociedade contemporânea. Observa-se que mesmo em diferentes momentos históricos, há forte presença do ideal de autonomia e liberdade presente nos projetos educativos. Assim, ao discorrer sobre nosso momento atual e o modo de vida nele difundido, o trabalho analisa os possíveis lugares da escola nesse novo contexto. Inicialmente, é pontuado que o projeto moderno de formação humana concebe o sujeito enquanto dotado de racionalidade, que precisa ser desenvolvida, o que confere à escola papel social. Dessa forma, a instituição escolar desenvolveu uma série de dispositivos disciplinares voltados ao ordenamento que, ao ter como objetivo final a autonomia, paradoxalmente, acabava por cerceá-la. Tal elemento ganha novos contornos na sociedade atual que defende a presença da liberdade humana, dessa vez, direcionada às práticas de consumo. A cultura humana configura-se como eminentemente individualista, ou seja, voltada para a satisfação imediata a partir da obtenção de determinados tipos de objeto e/ou experiências. Em tal contexto, a educação escolar também vira objeto a ser consumido ganhando características como a descartabilidade. Ao analisar o impacto no contexto escolar, pontua-se a passagem da instituição enquanto instância de controle e disciplina para proposição de lugar da diferença, no qual não é possível pensar em um único modelo formativo, mas sim, o respeito a cada um em sua singularidade. Por fim, indica-se uma mudança de foco para a educação escolar que não pode ser entendida apenas como centralizada na dimensão

* Doutor em Educação (Unesp/Marília). Professor no Departamento de Psicologia (DPI) e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).
E-mail: tibx211@yahoo.com.br

epistêmica, mas também, na formação ética dos sujeitos que dela fazem parte.

Palavras-chave: Formação Humana. Educação escolar. Autonomia. Modernidade. Contemporaneidade.

Abstract: The objective of this study is to discuss the issue of autonomy and its relationship to human development from two points: first, the concept of man proposed by the greek and Illuminist philosophies and second, the values disseminated in contemporary society. It is observed that even at different historical moments, there is a strong presence of the ideal of autonomy and freedom in educational projects. So, when referring to our current moment and their lifestyle, the article analyzes the possible places of school in this new context. Initially, it punctuated the modern design of human formation conceives the subject as endowed with rationality that needs to be developed, which gives to school a social role. Thus, the educational institution has developed a series of disciplinary mechanisms directed to order that have as a ultimate objective of autonomy, paradoxically, paradoxically, would eventually hinder it. This element has a new meaning in contemporary society that defends the presence of human freedom, directed at consumer practices. Currently, the human culture is characterized as highly individualist, focused on the immediate satisfaction for the obtaining certain types of object and/or experiences. In this context, education also becomes the object to be consumed gaining characteristics as the discardability. When we analyze the impact in the school context, it is observed the passage of the institution as the institution of control and discipline to be a place of difference, where you can not think of a single training model but the respect of singularity in everyone. Finally, we indicate a change of focus for school education that can not be understood only as centralized at the epistemic dimension, but also in the ethical development that are part of it.

Keywords: Human Training. School Education. Autonomy. Modernity. Contemporary.

Introdução

O objetivo deste artigo é debater a questão da relação entre a autonomia e formação humana, a partir de dois projetos educativos. O primeiro deles pode ser observado principalmente nos ideários da modernidade e o segundo, derivado do contexto da contemporaneidade.

As reflexões que seguem são fruto de um percurso de pesquisa, que versou sobre os limites e as possibilidades da instituição escolar se

configurar como um lugar que possa propiciar condições para o exercício da singularidade humana. Tal processo nos levou a analisar de que forma a escola lida com a problemática da autonomia, em vista de ser uma instituição construída sob a égide da disciplina e do controle.

Ao mesmo tempo, estamos imersos em discursos que apontam para uma espécie de “crise da escola”, os quais descrevem sua incapacidade pedagógica, as situações de conflito e violência a ela relacionadas além das dificuldades e da precariedade da formação docente, que colocam em questão a capacidade da escola de ser referência formativa nos dias atuais.

Ao mesmo tempo, a inserção das pessoas, em uma lógica societária cada vez mais individualista e consumista, nos impõe pensarmos a educação tanto fomentadora desse processo quanto lugar de resistência aos movimentos homogeneizantes do mundo contemporâneo. É nesse contexto que a investigação da autonomia ganha força e retomá-la se torna fundamental para reconhecermos os paradoxos educativos de nosso tempo.

Autonomia como projeto de formação humana

O primeiro ponto que gostaria de debater diz respeito à relação entre autonomia e educação escolar. Observa-se que ao longo do tempo, através de diferentes modelos e propostas educativas, escolares ou não escolares, tem-se direta, ou indiretamente, colocado a autonomia humana como um dos fins da formação humana a ser realizada com e pelo vivente em processo de desenvolvimento.

Se retomarmos, por exemplo, a *Paideia* grega e sua preocupação com a formação do humano integral, destaca-se a necessária mudança na qual o homem passa a expressar a sua autonomia pela palavra, que tem como desdobramento a capacidade de fazer-se dono do próprio destino, libertando-o dos desígnios divinos de tempos mitológicos. (ARANHA, 1996). Tal processo também tem como elemento-chave o desenvolvimento da capacidade de construir sistemas racionais de entendimento do mundo. Nesse campo,

[...] o conhecimento dos valores, na verdade, é uma questão de revelação direta [...] ele [o valor] não consiste de pedaços de informação que podem ser passadas de uma mente para outra. Em última instância, todo indivíduo deve ver e julgar por si mesmo o que é bom para ele fazer. **O indivíduo, se deve ser um homem completo, deve torna-se moralmente autônomo e controlar sua própria vida.** (CORNFORD, 2005, p. 42, grifo nosso).

Assim, é possível interpretar o aforisma socrático “Conheça-te a ti mesmo”, como uma forma de radicalização da relação do ser consigo mesmo para a necessária amplificação do reconhecimento da ignorância, como forma de poder refletir acerca do mundo e construir conceitos acerca do campo sensível, e relacionar-se com os demais, de forma a potencializar a busca das questões que envolvem o homem. Dessa maneira, como pontuei anteriormente, “a aposta no diálogo – como forma de levantamento de dúvidas, problematização e encaminhamento a respostas – dirige a abertura para uma dialética de formação de conceitos” (SILVA, 2008, p. 36), além de estabelecer uma perspectiva acerca da relação entre ética e política no processo formativo do sujeito humano.

A partir de tais elementos, é possível compreender a importância da *polis* enquanto instância de fomento da participação ativa do homem, na construção de sistemas racionais de entendimento do mundo. Nesse sentido, o desenvolvimento das virtudes passa a estar articulada com o avanço do conhecimento. Assim, virtude e sabedoria tornam-se dois elementos em articulação, que não ficarão à margem dos projetos formativos humanos que desenvolver-se-ão a partir de então.

O estabelecimento de certa centralidade individual, no processo formativo – autoconhecimento –, recria o cenário das relações educativas que ganham, por exemplo, a partir de Sócrates – e do nascimento da Filosofia –, um viés que ultrapassa a transmissão dos elementos objetivos, para inserir o homem na construção do próprio itinerário a ser construído, o que confere uma dimensão dramática, trágica e dinâmica.

Nesse processo, a educação possui um papel importante visto que, através dela, é possível, a partir do reconhecimento da própria ignorância, o desenvolvimento da capacidade de pensar. Disso deriva um modelo filosófico que possui como características uma educação teórica e racional, pautada, sobretudo, em uma finalidade moral e, tendo o indivíduo como

seu centro, ganha uma conotação ativa para a descoberta de um conhecimento de si. O educador toma uma posição de não-saber como articulador da constituição de um saber próprio.

Outro modelo de formação humana, no qual a questão da autonomia ganha lugar de destaque, é a proposta de educação iluminista que nos influencia até os dias de hoje, em vista de, a partir dela, dar-se o nascimento da escola moderna. Podemos afirmar que nosso modelo de escola possui íntima relação com tal proposta, em vista da centralidade e relação entre o caráter racional humano e a formação do ser autônomo, que se utiliza de tais capacidades para exercer o exercício enquanto sujeito social e político.

É nesse contexto que definimos o conceito de homem, que passa a servir de parâmetro ao contexto educativo-pedagógico do qual fazemos parte. Assim define Diderot na *Enciclopédia*:

HOMEM é um ser que sente, reflete, pensa, se passeia livremente na superfície da terra, que parece ser superior a todos os outros animais que domina, que vive em sociedade, que inventou as ciências e as artes, que tem bondade e uma maldade próprias, que a si mesmo se deu mestres, que fez leis para si... [...] o homem que consideramos é o ser que pensa, quer e age [...] (1974, p. 86).

Mais do que ser livre e dotado de razão, é necessário ter a aptidão de utilizar-se de tais capacidades. Nesse aspecto, a dimensão educativa não pode prescindir do aspecto moral, ou seja, ético, que fornecerá a cada um os caminhos e as possibilidades de fazer-se um ser emancipado, iluminado e, a partir disso, humano.

Para tanto, o homem necessita de formação, que corresponde à instrução (ou seja, o saber) e à disciplina, que terão na instituição escolar seu lugar. Vemos que a escola, portanto, torna-se fundamental como instância que fornece condições ao homem de reconhecer-se e atuar como agente autônomo. A humanidade é um projeto a ser realizado enquanto virtude, sendo essa qualidade relacionada à fortaleza moral da vontade que se estabelece no cumprimento de seu dever, sendo que somente a partir disso é possível fazer sentido à condição de liberdade.

Esse processo implica a formação moral, que, conforme aponta Oliveira (2004, p. 455), tem íntima relação com a educação, já que

“[...] a moralidade não pode simplesmente ser um produto causal da educação, mas ela pressupõe a educação como condição necessária, uma vez que por natureza o ser humano não é um ser moral em absoluto”. Assim, “[...] o dever moral se coloca como um querer necessário e como um dever propriamente dito.” (DALBOSCO, 2004, p. 1339).

Tal perspectiva gera impactos para a relação com o campo social. Como bem afirma Severino:

Essa condição do homem viver em sociedade modifica profundamente o seu processo de auto-aperfeiçoamento, pois seu aprimoramento ou sua degradação não mais dependem apenas da lei interior de sua vontade, mas também das determinações exteriores da vida social. Assim, o ‘instinto divino da consciência’, de que fala Rousseau, que é fonte da excelência moral do indivíduo, confronta-se com as exigências da vida em sociedade, esfera da liberdade civil [...]. (2006, p. 626)

Chegamos à escola. Observa-se pela citação acima que a instituição escolar, no que tange à autonomia, será atravessada por um grande paradoxo. Ao mesmo tempo em que visa à construção da autonomia dos indivíduos, possui em seu cerne as sementes da padronização dos mesmos. A educação adquire um lugar importante nas ideias iluministas, porque através dela “[...] poderiam ocorrer as necessárias reformas sociais perante o signo do homem pedagogicamente reformado.” (BOTO, 1996, p. 21).

O dispositivo escolar constrói um tipo específico de homem, que aqui chamo de “sujeito da educação”: ninguém sai ileso dos processos escolares e assim é necessário, já que toda ação institucional pressupõe mudança ao público-alvo às quais suas ações se dirigem. Em outras palavras, a escola coloca em prática estratégias que põem em movimento um processo do qual todos sairão diferentes, no término do processo (independentemente do que isso realmente signifique).

Assim, a instituição escolar moderna, fruto da sociedade administrada, operacionaliza o processo de formação do indivíduo, a partir de práticas que retiram deste a sua condição de liberdade. Assim, a educação moderna materializa a contradição entre autonomia (presente no discurso escolar como ideal a ser atingido) e as formas de controle (presente nos dispositivos escolares). Desse modo, atualiza-se a discussão que aponta para a contradição entre indivíduo e sociedade, a dimensão subjetiva e objetiva ou, em última instância, a relação sujeito/objeto.

Vale aqui destacar, entretanto, que seus meios de realizar tal empreitada permanecem na linha tênue entre liberdade e restrição, o que, por sua vez, nos coloca frente ao debate acerca de que tipo de ser humano deriva do modelo escolar presente e sua relação com o modo de vida em nosso tempo.

Autonomia como expressão de liberdade para o consumo

Como, na atualidade, lidamos com a questão da autonomia? O trabalho de pesquisa que tenho realizado nos últimos anos tem levado para compreensão de que existem pelo menos dois marcadores importantes no caminho de resposta para essa questão.

O primeiro deles diz respeito à amplificação da dimensão individual em detrimento da coletividade. Esse é um traço importante no que chamamos de cultura individualista ou narcisista (LASCH, 1990), que trata-se de uma espécie de perversão do sentido da individualidade. Nesse contexto, deparamos-nos com a perda de delineamento entre as dimensões pública e privada.

[...] não apenas a derrubada da responsabilidade pelos espaços de poder societal concentrado e o abandono das questões de integração social e reprodução sistêmica ao jogo livre da iniciativa privada. Essa privatização vai mais fundo. Os processos são agora em grande parte *des-institucionalizados*, construídos do zero, a partir de esforços individuais, de faça-você-mesmo, da autoformação [...]. Toda sua enorme pressão tomba diante do indivíduo praticamente isolado, e precisa ser repetida ou neutralizada pela ação individual. (BAUMAN, 2011, p. 152, grifo do autor).

Passa-se a ressaltar questões individuais na esfera pública, ao mesmo tempo em que se enfraquece os problemas públicos – entendidos quanto ao que tange ao bem comum – na esfera privada, ocorrendo um processo que borra ambas as dimensões. Como resultado disso, tem-se a potencialização do individualismo, que servirá de suporte para o modo de vida presente na contemporaneidade. O discurso que aqui se coloca poderia ser expresso pela diretriz “Deve-se dar sempre o direito do indivíduo escolher”, o que aponta para a valorização do aumento de controle de cada um em relação aos agentes relativos ao mundo que o cerca.

O segundo ponto indica para o direcionamento da liberdade, para a esfera do consumo. Bauman (2008a) afirma que a liberdade humana passará a ser modulada pelos valores da sociedade de consumidores. Assim, frente à crise institucional presente na atualidade, o mercado passa a ditar as referências a serem seguidas pela massa populacional. Dessa forma, ser livre significa ser capaz de operar sobre as incertezas do mundo e do medo delas derivadas, de forma a atrelar possíveis soluções aos tabloides de ofertas do dia da loja de departamentos mais próximo de casa, o que tem como efeito colateral a sensação de bem-estar e felicidade.

Ao mesmo tempo, observa-se que mesmo sob a égide de uma pretensa liberdade moral, encontramos a fragilização dos laços sociais. Afinal, se vivemos em uma sociedade para consumo e todo consumo é, em última instância, sentido de maneira individual. Pode-se facilmente chegar à conclusão de que o outro não é necessário para viver a vida em sua expressão mais cotidiana. Dessa forma, as relações humanas são tomadas em uma dimensão de superficialidade, o que leva ao enfraquecimento da construção de questões comuns, afastando o indivíduo do espaço público, no que diz respeito à participação política e ao agente de mudança social.

Assim, o advento da sociedade de consumidores reconstrói a relação do indivíduo consigo mesmo e a forma de se relacionar com o outro. Segundo Bauman (2008b), em tal modelo societário, faz-se necessário produzir “[...] todo o tempo, e ao alto custo, novos consumidores guiados pelo desejo. Em efeito, na produção de consumidores se consome uma parte intoleravelmente substancial dos custos totais de produção, distribuição e comercialização [...]” (p. 226-227).

A sociedade contemporânea, portanto, toma o consumo mais do que simplesmente obtenção de bens ou objetos, mas principalmente, conforme afirma Pelbart, modos de vida através de:

[...] fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade. Chame-se como se quiser isto que nos rodeia, capitalismo cultural, economia imaterial, sociedade de espetáculo, era da biopolítica, o fato é que vemos instalar-se nas últimas décadas um novo modo de relação entre o capital e a subjetividade [...]. (2002, p. 34).

No contexto indicado, deve-se fugir a toda forma de desconforto e inconveniente, no prazo mais curto possível. Tal dinâmica invade a dimensão interpessoal, de forma a atualizar a relação entre os indivíduos, para um tipo no qual a transformação do outro como objeto também a ser consumido.

Na relação custo/benefício, as relações humanas que são essencialmente tensas e conflitivas tendem a ser cada vez mais frágeis e pontuais. Isso pode ser visto, por exemplo, na adoção das tecnologias da informação, como forma de mediação entre os indivíduos de nosso tempo. Pode-se manter ligado, conectado, ao mesmo tempo, em que, frente a qualquer indicação de malestar, pode-se apertar o botão “desligar”.

Sobre a relação entre liberdade e consumo, Bauman, pontua:

O que torna o mercado de consumo uma forma de controle que os controlados abraçam voluntária e entusiasticamente, não é apenas o fulgor e a beleza que ele oferece em troca da obediência. O seu principal atrativo é, talvez, o facto de oferecer liberdade a pessoas que noutras áreas de sua vida apenas encontram coações, muitas vezes sentidas como opressões. O que torna a liberdade oferecida pelo mercado ainda mais sedutor é o fato de aparecer sem as nódoas que manchavam a maioria das suas outras formas: o mesmo mercado que oferece liberdade oferece também certeza [...]. (1989, p. 100).

Este novo princípio de autonomia relaciona-se com a perda de referência do outro antes tomado especificamente em sua disposição de agente cerceador do controle, como forma hegemônica de disciplina e agora visto como um estranho que retira o indivíduo de sua centralidade. Agora, é possível ser livre, estando esta autonomia atrelada de às possibilidades e vontades de cada um (em especial, na capacidade de adquirir novos produtos ou conseguir espaços de expressão para a individualidade), o que leva, por exemplo, à formulação de parâmetros éticos, que somente podem ser avaliados a partir de uma égide individual, esvaziando-se, por sua vez, de seu próprio sentido:

A que vale o direito individual neste modelo de sociedade? A garantir o gozo e a satisfação individual. O princípio ético que oferece base para as ações humanas é o que concerne a si mesmo e não é pautado necessariamente pela relação que estabelece com o outro, nem é julgado

pelas consequências em relação a este outro, mas sim apenas e somente ao indivíduo. (SILVA; HENNING, 2011, p. 73).

Chega-se, assim, à perversão do sentido de liberdade, não mais como condição para o conhecimento ou para a expressão pública e política, mas como uma forma de encarceramento do humano em si mesmo, que parece precisar a todo custo ser resguardado.

Pensando a escola

Cabe no final pensar sobre o lugar da escola. Vimos que o homem emancipado, livre, detentor de racionalidade e reflexão, voltadas ao progresso, teve na escola o lugar de suporte para a sua materialização. Porém, no contexto contemporâneo, no que tange à intersecção entre a educação escolar e o modo de vida contemporâneo, a primeira é capturada pela lógica de consumo, sendo mais um produto a ser disponibilizado e comprado em “diversas parcelas”.

Podemos ver esse movimento, por exemplo, a partir da ampliação de políticas de inclusão no Ensino Superior, em especial na esfera do Ensino Superior privado, que aponta para uma forma de intervenção do Estado – ou público –, na direção de reiteração de um modelo de formação humana, que mantém em funcionamento o modo de vida capitalístico, no sentido de fornecer a matéria-prima da produção e do consumo.

Em outros termos, a atualização do controle/domínio do homem pelo homem tem na escola não apenas seu suporte como, principalmente, o lugar no qual é possível observar a instrumentalidade humana para fins de manutenção de um sistema econômico excludente e perverso, ainda que no discurso sejam utilizadas outras formas de argumentação.

Uma das consequências do que foi apontado anteriormente – a relação homem/consumo – é a progressiva presença de indiferença que passa a ser elemento comum nas diferentes relações existentes na escola, seja entre aluno/professor, entre os alunos, entre os alunos e a instituição escolar, entre alunos e conteúdos trazidos para discussão em sala de aula.

A formação humana presente na escola passa a ser regida e atrelada à potenciada certificação a ela vinculada, comumente articulada a um coeficiente que mede a capacidade de entrar ou manter-se no mercado

de trabalho (que podemos chamar aqui de “nível de empregabilidade” ou “capital humano”). Por essas vias, podemos identificar, por exemplo, a crise do Ensino Médio e a incapacidade desse estágio do ensino formal de estabelecer diálogo entre seus participantes, a realidade imediata e o mundo futuro ainda em aberto.

Na falta de uma articulação direta com o mercado de trabalho, a escola parece encontrar-se em uma situação paradoxal: de um lado, se eximir-se desta relação direta com as exigências do mercado capitalístico, a escolarização corre o risco de perder seu sentido mais imediato. Porém, vincular-se a ele minimiza as trajetórias formativas potenciais que os indivíduos podem percorrer.

Ainda nessa discussão, não se pode perder de vista que, dentro dos valores da sociedade contemporânea, a capacidade de produzir foi deslocada para a capacidade de consumir, o que coloca para a escola desafios éticos que remetem às formas de obtenção e utilização de tais bens, principalmente nos indicativos que tal modelo relacional extrapola para as relações interpessoais.

Esse ponto nos leva para um último elemento de destaque, que diz respeito à escola ser um lugar de diferenças. Se o modelo iluminista de homem indicava para um ideal a ser alcançado via conhecimento, a contemporaneidade e as incertezas do mundo presente inserem no jogo a impossibilidade de indicar caminhos rígidos exatamente porque não há modelo e/ou manual de homem perfeito. Assim sendo, o que fica demarcada não é a semelhança entre os indivíduos, mas, suas diferenças, o que evidentemente assusta os educadores formados a partir de uma visão de homem restrita a similaridades.

Cada sala de aula, nessa perspectiva, apresenta-se ao educador como um espaço no qual diferentes histórias, perspectivas e horizontes se mostram e são construídos. Como desdobramento, a questão ética ganha destaque. Acredito que mais do que simplesmente passar conhecimentos, o educador aponta caminhos para uma vida melhor, o que implica pensar acerca do momento presente, desuas contradições e potencialidades, para a partir disso, refletir acerca das ações singulares e do seu papel como resistência a forças que buscam confluir para um mesmo local.

A autonomia, nesse contexto, é reconstruída, não sendo possível entendê-la, tendo como ponto de partida uma esfera metafísica ou mascarará-la enquanto expressão do ato de consumo. Ela passa a estar modulada no encontro com o outro, ou seja, na relação entre-dois, o

que impede a concepção de homem como um ser em estado de isolamento. Dessa forma, a sala de aula é um lugar que não possui “donos” ou sujeitos privilegiados. É um território que, por ser de ninguém, é potencialmente de todos. Dessa forma, possui condições de colocar em questão, nas práticas presentes em seu cotidiano, as dicotomias que fundamentam ações de opressão e violência entre os seres humanos (como por exemplo, as relações entre sujeito/objeto, singular e plural, objetivo e subjetivo, etc.).

É sobre a importância da relação dual na formação humana que Bauman, em entrevista a Pallares-Burke, afirma:

[...] No meu ponto de vista (e por experiência), estar “fora de lugar”, ao menos em parte do nosso ser, não concordar completamente, manifestar divergência e dissensão, é o único meio de resguardarmos nossa autonomia e liberdade. Estar “dentro” mas parcialmente “fora” é também um meio de preservar o frescor, a inocência e a abençoada ingenuidade de visão. Quem está assim situado tende a fazer perguntas que não ocorreriam àqueles estabelecidos mais solidamente; tende a notar o estranho no familiar, o anormal no óbvio [...] (2004, p. 313).

Vimos, ao longo deste trabalho, que os trajetos educativos que viemos percorridos ao longo do tempo, parecem destacar de uma forma ou outra a questão da autonomia. Porém, ao fazê-lo, deixa-se em segundo plano a problematização acerca dos limites empregados aos indivíduos que são inerentes às relações homem/mundo e homem/homem, questão-alvo de trabalho do campo da ética.

Fica então a pergunta: A partir de nosso contexto presente, é possível pensar um modelo educativo diferente deste em que vivemos, que é permeado pela descartabilidade, de forma que mantém o indivíduo preso em uma falsa ideia de liberdade, felicidade e conhecimento de si? Se a resposta for positiva, quais caminhos precisamos percorrer para que a escola possa ser um espaço para uma formação humana, que possibilite a cada um condições de intervir de forma ética voltada ao bem comum?

Questões para novas trajetórias e novos horizontes a serem construídos...

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *A Liberdade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- _____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a.
- _____. *La sociedade sitiada*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008b.
- _____. *Vida em fragmentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.
- CORNFORD, F.M. *Antes e depois de Sócrates*. São Paulo: M. Fontes, 2005.
- DALBOSCO, C.A. Da pressão disciplinada à obrigação moral: esboço sobre o significado e o papel da Pedagogia no pensamento de Kant. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1333-1356, set./dez. 2004.
- DIDEROT. Homem. *Enciclopedia: textos escolhidos*. Lisboa: Estampa, 1974.
- LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Mário Nogueira de. A educação na ética kantiana. In: *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 447-460, set./dez.2004.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Tempo social*, v. 16, n. 1, p. 301-320, 2004.
- PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, potência da vida. *Lugar Comum (UFRJ)*, n. 17, p.33-43, 2002.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. A Busca de Sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set/dez. 2006.
- SILVA, Rafael Bianchi. *Autonomia e Formação Humana: trajetos educativos*. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Educação, 2008.
- SILVA, Rafael Bianchi; HENNING, Leoni Maria Padilha. A construção da subjetividade: notas sobre o sujeito. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, v. 33, p. 67-74, 2011.

Submetido em 11 de setembro de 2014.

Aprovado em 9 de outubro de 2014.